

Da polifonia do corpo à mutiplicidade de sua educação.

Os mundos acadêmico e da publicidade encontram-se hoje, mais do que em qualquer outro tempo, frente à tremenda presença do corpo. Se já era ele objeto privilegiado das Ciências Naturais, não há hoje área das Ciências Humanas que dele não se ocupe, esquadrinhando-o de múltiplas formas, recortando-o e reconstruindo-o em distintas conformações. Por outro lado nunca foi tão violenta a sua presença nos veículos da indústria cultural, seja no capó ficcional, ou nos programas que aconselham, impelem e exigem novas conformações corporais, geralmente tratando das técnicas de embelezamento, das estratégias para diminuir o peso, o *stress* e o ritmo de envelhecimento.

É importante pensar a educação do corpo nesse contexto mais amplo em que se estruturam os cuidados com o corpo no mundo contemporâneo; afinal o corpo é educado nas escolas, nas igrejas, nos hospitais, nos hospícios, e em muitas outras instituições fechadas, mas também nas ruas, nas tevês, nas revistas ilustradas, enfim, em todos os lugares e tempos que requerem a sua presença.

Fazem parte dos esforços pedagógicos contemporâneos o controle e o disciplinamento desses corpos, por meio dos quais aparece, por exemplo, a disciplina escolar Educação Física¹ e também os programas de atividade física relacionados à saúde. Eles se dirigem, talvez, a uma dupla preocupação: recuperar os défices promovidos pelo trabalho estafante, aprendendo a compensar a rotina e o massacre corporal e psicológico que a vida contemporânea impõe cada vez mais intensamente², mas também preparar para o mundo da competição, da performance, da velocidade, do *véu tecnológico*³ e da *maquinização* do corpo⁴. Os esportes podem ensinar a dominar melhor o corpo, a potencializá-lo para as disputas de imagens, cuja importância atual é inegável. Que se pense aqui na *esportivização* da sociedade contemporânea, representada, ademais, por outras formas de expressão, igualmente competitivas, como a pornografia ou como as técnicas de embelezamento (cirurgias, treina-

mentos em academias, prescrições dietéticas, aplicações químicas sobre a pele), para percebermos o quanto, no contemporâneo, as imagens corporais são importantes como portadoras de identidades.

Como sabemos, a Educação do Corpo teve e continua tendo uma forte motivação higienizadora. Para que se constate isso basta entrar em qualquer academia de ginástica, onde sobressai um sem-número de novas estratégias de ocupação do tempo disponível, vinculando as atividades à “qualidade de vida”. Trata-se, ainda, de reunir um conjunto de atividades adaptativas, pelas quais a fortificação do corpo tende a compor primordialmente o capital simbólico, a imagem, e menos a capacidade direta de trabalho corporal. Ganham força, então, os processos de menoridade vinculados à Indústria Cultural, à *infantilização* disfarçada de maioridade e autonomia.

Aparecem, portanto, um conjunto de impasses importantes, que procuramos responder neste número temático da *Revista Perspectiva*. Não por acaso, ele se chama *Educação e Corpo*. Com estas e outras questões lidam os trabalhos aqui publicados. Eles são um esforço para responder a esta multiplicidade de questões, correspondente, é preciso dizer, tanto aos itinerários do próprio objeto sobre o qual nos debruçamos, quanto aos lugares de onde cada texto fala.

Os quatro primeiros trabalhos referem-se às questões do corpo no registro da Teoria Crítica da Sociedade da Escola de Frankfurt. Os três primeiros dialogam com Theodor W. Adorno, tomando sua obra como objeto ou nela inspirando-se para pensar aspectos importantes da sociedade contemporânea. São os artigos escritos por mim com Jaison José Bassani, o de Antonio Álvaro Zuin e o de Erica Cristina Almeida. Cada um deles retoma ou dialoga com Adorno de um ponto de vista particular, mas orientados por uma *dialética do esclarecimento*.

O quarto texto, de Pedro Angelo Pagni, é uma reflexão sobre o tema na obra de Herbert Marcuse que oferece um interessante contraponto/composição com Adorno, pensando as possibilidades de uma educação estética e os destinos da construção do sujeito.

O número temático segue com um texto que trata do tema do feminino no entrecruzamento de Pierre Bordieu e Michelle Perrot. O trabalho de Deborah Thomé Sayão avança no diálogo com teorias feministas e as contribuições dos estudos de gênero, recolocando questões instigantes sobre a trama entre corpo, poder e dominação.

Os dois trabalhos seguintes se referem à Educação Física. O primeiro deles é de Marcus Aurélio Taborda de Oliveira e se trata de um ótimo exemplo de pesquisa histórica sobre o tema da escolarização, em especial sobre a Educação Física escolar. Taborda de Oliveira estuda a relação entre as políticas públicas para a formação de professores de Educação Física durante a ditadura militar brasileira, pensando-as não apenas a partir das intenções de seus formuladores, mas também daqueles que a realizavam na prática. Nesse contexto, discute as expectativas de valorização profissional e o *status* “científico” procurado pela área. O segundo texto, que trata mais diretamente da Educação Física, é de Quéfren Weld Cardozo Nogueira. Seu trabalho discute uma das questões que se referem ao papel de uma teoria crítica para o ensino de Educação Física, qual seja, a relação entre a necessidade, ou não, da experiência com os conteúdos da cultura corporal e a sua articulação com o ensino. O autor pretende, então, uma prática pedagógica que possa “praticar o discurso”.

Santiago Pich propõe, no oitavo texto que compõe este número, uma interpretação do herói esportivo e seu descortinamento como estratégia de produção de subjetividades adaptadas à ordem econômico-social capitalista. Para isso elabora sua análise tomando a trama entre herói esportivo, imaginário social e mídia, elaborando também uma crítica à forma como vem sendo, no campo da Educação Física, abordada esta questão.

Os dois últimos trabalhos são contribuições teóricas que se destinam a debater algumas teorias sobre o corpo. O primeiro deles, de Andreas Trebels, faz a crítica de uma interpretação mecanicista de corpo – que se objetiva, entre outros espaços, no esporte de alto rendimento – e de uma possibilidade de concorrer com ela, dada pela indissociabilidade entre o *movimentar-se* e o *perceber* humanos. O texto que fecha nosso número, de Carlos Carballo e Bettina Crespo, sistematiza o debate contemporâneo sobre o corpo, privilegiando fontes e interpretações diversas, mostrando as ambigüidades, impasses e desdobramentos de muitas análises correntes. Trata-se de um bom indicativo sumarizado da reflexão contemporânea, sobretudo aquela que vem sendo feita no país vizinho, Argentina.

Este número temático é dedicado ao filósofo Theodor W. Adorno, algo quase óbvio pela constância com que é citado ao longo de vários dos trabalhos aqui reunidos e por ter ele levantado inúmeras questões sobre o corpo e sua educação nos interstícios da constituição e da atrofia do sujeito e da sociedade contemporânea. Lembremos, por exemplo, o

que ele, junto com Max Horkheimer – e na esteira de Nietzsche, Marx e Freud –, chamou de *amor-ódio* pelo corpo, que é louvado como objeto de desejo, ao mesmo tempo em que é reificado, desprezado e recalçado, violentamente, como tabu (HORKHEIMER; ADORNO, 1997). Cite-se ainda a presença do sofrimento no centro de sua reflexão, visto mesmo como um importante motor do pensamento (ADORNO, 1997c).

Há, no entanto, pelo menos um motivo a mais para que este número seja dedicado ao grande dialético que foi Adorno: no próximo dia 11 de setembro o filósofo faria cem anos, que serão comemorados, irônica e contraditoriamente, como foi o destino de Adorno e sua obra, em uma das datas mais macabras de nossa história recente.

Alexandre Fernandez Vaz

Notas

- 1 A Educação Física Escolar que temos hoje é, mal ou bem, tributária da tradição ocidental, da matriz européia, dos projetos político-pedagógicos da Grécia e do Iluminismo, da *Paidéia* e da *Bildung* (JAEGER, 1995; LOVISOLO, 1997). Em uma palavra, trata-se do percurso do *Esclarecimento*, da *Aufklärung*. Essa tradição humanista, herdeira também do Renascimento, conjuga formação intelectual, ética, estética e corporal, no mesmo projeto. Na tradição da *Aufklärung*, das luzes e da autonomia, os métodos ginásticos e os jogos e esportes desempenharam um importante papel na formação dos corpos e espíritos. Eles não foram tema exclusivo da escola, é certo, mas nela encontraram um importante espaço, também “científico”, de realização.
- 2 Destaco que não se ousa mais colocar em questão a legitimidade das relações de produção tais como hoje as vivenciamos, mas espera-se uma forma de mais bem adaptar-se a elas, de alguma maneira suporta-las com mais vigor. É nesse sentido que se torna suspeita, para dizer o mínimo, a idéia de um “tempo livre”. Sugiro, neste quadro, a leitura, talvez hoje “anacrônica”, de Adorno (1997a).
- 3 A expressão é de Adorno (1997b, p. 686).

- 4 O desejo de potencialização do corpo não se radica apenas na modernidade, mas tem origem ancestral, no cerne do processo de dominação da natureza. Esse paradoxal processo, que é fundador de nossa civilização, e sem o qual não poderíamos, possivelmente, ter sobrevivido, estrutura, desde muito, a instrumentalização dos corpos, seja o próprio, sejam os alheios. Um dos pontos culminantes dessa trajetória é a separação entre Labor e Trabalho, consagrada na Antiga Grécia. Sobre essa separação, pode ser consultado o clássico *The Human Condition*, de Hannah Arendt (1998).

Referências

- ADORNO, Theodor; FREIZEIT, W. *Gesammelte Schriften*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1997a. v. 10-12, p. 645-655.
- _____. *Erziehung nach Auschwitz. Gesammelte Schriften*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1997b. v. 10-12, p. 674-690.
- _____. *Negative Dialektik. Gesammelte Schriften*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1997c. v. 6, p. 9-412.
- ARENDT, Hannah. *The human condition*. 2. ed. Chicago; London: The University of Chicago Press, 1998. 349p.
- HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor W. *Dialektik der Aufklärung: Philosophische Fragmente*. In: *GESAMMELTE Schriften*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1997. v. 3, 336p.
- JAEGER, Werner. *Paidéia: a formação do homem grego*. Tradução de Arthur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 1995. 1413p.
- LOVISOLO, Hugo. *Estética, esporte e educação física*. Rio de Janeiro: Sprint, 1997. 171p.